

A AHMG em parceria com a Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG vem novamente, nessa edição da revista RAHIS abordar temas extremamente importantes e atuais para o setor hospitalar.

Classificação de risco num contexto de mudança cultural, análise epidemiologia da permanência em hospitais do SUS, uma visão do processo de licenciamento ambiental das instituições na capital, e outros artigos, incluindo-se ainda uma ampliação dos indicadores hospitalares do IHMG – Programa desenvolvido pela AHMG e UFMG desde 2006. Pontuamos nossa preocupação em retratar realidades que devem ser apresentadas aos interessados no setor.

Nos últimos dois anos apareceram diversas publicações sobre os sistemas atuais de saúde, no Brasil e fora dele, testemunhando uma crescente preocupação da sociedade e de Governos quanto a custos e viabilidade dos arranjos atualmente constituídos. Uns enfatizam as incongruências do sistema, outros a insatisfação crescente entre as partes interessadas e o baixo aproveitamento dos recursos disponíveis, e ainda há aqueles que sugerem uma ruptura com modelos atuais. O conhecimento das questões ligadas à gestão de saúde aumenta!

O momento exige mesmo um aprofundamento nesse campo, para que logo se tomem atitudes. Acreditamos que nossa situação é peculiar e exigira solução específica. Sabemos que no Brasil se gasta mal com a saúde, mas sabemos também que se investe pouco! O Brasil com o PIB atual de US\$ 9.700 per capita se coloca em uma posição de destaque quanto aos países de media renda, mas se encontra abaixo dos países considerados de alta renda, que apresentam um PIB per capita 2,5 a 4,5 vezes maiores. O investimento per capita com saúde, entretanto no Brasil e de 8 a 10 vezes menor, considerado como um todo, isto é, gastos do governo e privado. Se considerarmos apenas a parcela pela qual responde o setor público, esta diferença será de 8 a 17 vezes. Assim, em números absolutos per capita e, somando-se orçamento público e privado, se gasta quatro vezes menos no Brasil em comparação a Espanha e Grécia, onze vezes menos em comparação com os EUA, seis vezes menos que o Canadá e ficamos em desvantagem até em comparação com alguns países da América Latina! Nesses países o custo de vida excepcionalmente chega a ser o dobro comparado ao custo de vida nas grandes cidades brasileiras! Na Turquia, com o mesmo gasto per capita em saúde que o nosso, a contribuição do setor publico para o orçamento da saúde é o dobro em relação ao Brasil!

Pelo fato de termos poucos recursos, precisamos gastar bem cada centavo. O sistema atual, com elevado grau de descentralização, ausência de redes que aumentem a eficiência da gestão, tornam os hospitais vítimas e não causa-raiz do problema! Mudanças culturais se impõem: o cidadão deverá ser esclarecido quanto ao valor que representa um atendimento integrado e com qualidade,

por equipes treinadas e com oportunidade do manejo de um grande número de casos; Os políticos das municipalidades devem entender que é mais justo e honesto para com seus eleitores e concidadãos, transformar seu Hospital ineficiente, caro e de alto risco, em uma unidade eficiente de atenção primária, apoiada por um sistema integrado em rede que garantirá um atendimento de qualidade com menor custo. O setor público precisa aceitar o fato de que o desenvolvimento da saúde suplementar só faz aliviar a grande carga imposta por dispositivo constitucional aos cofres do governo, e tomar medidas que facilitem e façam prosperar a saúde suplementar. O setor privado tem que estar cênscio da natureza pública de sua atuação e trabalhar de forma conjunta, principalmente na vigência de catástrofes e epidemias.

Acreditamos que estamos no limiar de grandes transformações. Longe de estarmos atentos as experiências de outros países, precisamos conhecer bem nossa realidade e nossas dificuldades, o quanto custará nosso sistema após sua reorganização e otimização, para que o encaminhamento de soluções tenha maior chance de êxito e os objetivos quanto à qualidade sejam contemplados. Este esforço já está em marcha em Minas Gerais através do programa pro-hosp da Secretaria Estadual de Saúde e do movimento que se faz presentemente para a qualificação dos hospitais, em conjunto com a AHMG.

Este número da revista RAHIS, certamente contribui para ampliar nosso entendimento a esse respeito!

Wagner Neder Issa
Presidente da AHMG